

# O PECADO COMO DESESPERO EM KIERKEGAARD E AS CONSEQUÊNCIAS ANTROPOLÓGICAS

Denilson Santos da SILVA<sup>1</sup>

Jordano Paulo Magalhães FUZATTO<sup>2</sup>

Rômulo Gomes de OLIVEIRA<sup>3</sup>

## RESUMO

Este trabalho visa, antes de tudo, abordar uma das muitas faces da antropologia de Kierkegaard, investigando a condição do ser humano enquanto síntese de polos que se relacionam – finitude e infinitude. Assim, a condição humana fundamental é a existência, marcada por uma dupla possibilidade: torna-se um si-mesmo ou não tornar-se um si-mesmo; tornar-se espírito ou viver a doença para a morte. Viver a doença para a morte é viver desesperado, mesmo que exteriormente não se apresente o estar desesperado, mas que em algum momento pode se apresentar explicitamente, como em um contexto de pandemia que pode fazer com que o desespero se explicita. Assim, o pensador dinamarquês irá apresentar a saída do desespero que é a fé e que ela é a cura para a doença que afeta a relação do ser humano com Deus. Para tanto, a obra base é **A doença para a morte**, publicada em 1849, por Kierkegaard sob o pseudônimo Anti-Climacus.

Palavras-chave: Desespero. Si mesmo. Finitude-infinitude. Fé. Ser humano.

## 1 O PECADO ENQUANTO DESESPERO

A existência segundo Kierkegaard, não é dada de pronto a nenhum ser humano. Ela precisa ser erigida como tarefa pessoal de tornar-se si mesmo, isto é, um indivíduo. Quem não o fizer, por mais realizado que se perceba ou que seja

---

<sup>1</sup> Graduando em Filosofia pelo Centro Universitário de Juiz de Fora (UNIACADEMIA).

<sup>2</sup> Graduando em Filosofia pelo Centro Universitário de Juiz de Fora (UNIACADEMIA).

<sup>3</sup> Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e Docente do Curso de Filosofia do Centro Universitário de Juiz de Fora (UNIACADEMIA).

considerado pelos outros, vai perder-se, não terá existido no sentido pleno da palavra. O pensador dinamarquês pressupõe uma condição humana que perpassa todas as culturas e todas as épocas. Há uma base ontológica dada: Deus cria o ser humano como síntese de finitude e infinitude, de temporal e eterno, de necessidade e possibilidade, de corpóreo e anímico.

Essa síntese criada implica uma relação adequada entre esses polos. Tal relação constitui o espírito humano, que é o si-mesmo. Mas o espírito é dado em potência e, portanto, cabe a cada ser humano em particular fazer com que seu espírito desperte, seja efetivado. Daí se abrem duas possibilidades: a efetivação saudável do espírito, com êxito no estabelecimento da síntese, ou a doença do espírito, sendo a síntese malsucedida. A partir disso, é possível abordar a problemática do tornar-se si-mesmo, fazendo uso do tema do ser humano enquanto síntese como elemento hermenêutico imprescindível para compreensão da complexidade de tal processo (o de tornar-se si-mesmo)<sup>4</sup>:

Heroísmo cristão, que em verdade é visto bem raramente, consiste em arriscar completamente tornar-se si mesmo, um ser humano individual, este ser humano individual específico, completamente só diante de Deus, sozinho nesse enorme esforço e nessa enorme responsabilidade [...] (KIERKEGAARD, 2016, p. 3).

Certamente esta passagem é uma das mais importantes do prefácio e mesmo de toda a obra, pois nela o autor expõe, de modo conciso, o problema central de **A doença para a morte**, objeto principal a que o leitor deve se ater. A primeira parte da obra – A doença para a morte é o desespero – dá as bases antropológicas para a compreensão da origem do desespero, que é a doença que leva à morte do espírito, isto é, do si-mesmo, bem como para a compreensão de sua possibilidade e universalidade. A segunda parte – O desespero é o pecado – sustentada pela primeira, desenvolve o tema do desespero, como o título mesmo aponta, explicitando que o mesmo apresenta relação direta com o estar diante de Deus. Em outros termos, o desespero não é um problema meramente antropológico, como Anti-Climacus<sup>5</sup> diria: que se refere unicamente ao “homem natural”. Para além disso, trata-se de um

---

<sup>4</sup> Tal procedimento ajuda a captar, talvez mais facilmente, a orientação lógica do processo de tornar-se. Mas, importa que isso esteja sempre em mente, para não se correr o risco de reduzir o ser humano à síntese de opostos ou a existência à tentativa de alcançar uma forma ontológica ideal estática.

<sup>5</sup> Anti-Climacus é um pseudônimo representativo de um cristão ideal, uma espécie de protótipo do cristão.

problema na relação com o Eterno, um problema de relação com Deus (OLIVEIRA, 2011).

## 1.1 QUE O PECADO É DESESPERO

Em **A doença para a morte**, Anti-Climacus desenvolve explicitamente – ainda que com grande complexidade – a ideia de ser humano como uma síntese. Logo no início da primeira parte da obra, ao expor brevemente a natureza do desespero enquanto uma doença no espírito, o autor expõe em seguida a condição do ser humano como síntese, a qual caracteriza o espírito humano, tendo, portanto, a possibilidade de desesperar:

O ser humano é espírito. Mas o que é espírito? Espírito é o si-mesmo. Mas o que é o si-mesmo? O si-mesmo é uma relação que se relaciona consigo mesma, ou consiste no seguinte: que na relação a relação se relacione consigo mesma; o si-mesmo não é a relação, mas a relação se relacionando consigo mesma. O ser humano é uma síntese de infinitude e de finitude, do temporal e do eterno, de liberdade e de necessidade, em suma, uma síntese. Uma síntese é uma relação entre dois. Assim considerado o ser humano ainda não é um si-mesmo (KIERKEGAARD, 2016, p. 7).

Com este parágrafo, o autor condensa muitas coisas de elevado peso. Ele estabelece vínculos entre as noções de “ser humano”, “espírito”, “si-mesmo”, “relação” e “síntese”, fora as determinações citadas, como, por exemplo, finitude e infinitude. É possível e didático dividir esse parágrafo em duas partes para análise, conforme os movimentos do raciocínio elucidativo do autor.

Anti-Climacus inicia identificando respectivamente o ser humano com espírito, espírito com o si-mesmo, o si-mesmo com uma relação que se relaciona consigo mesma. Num segundo momento, ele retoma a noção de ser humano, identificando o mesmo com uma síntese. Caso se faça uma interpretação lógica equacional, chega-se a pensar na equivalência direta entre ser humano, espírito, si-mesmo e síntese. Mas é preciso cuidar para não cair em equívoco devido a cálculo apressado<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> As categorias “espírito” e “síntese” são mediadoras entre “ser humano” e “si-mesmo” no parágrafo. A estrutura do parágrafo reforça a possível interpretação de que o importante é que o ser humano deve se tornar si mesmo. Então, “ser humano” e “si-mesmo” não são a mesma coisa. As categorias intermediárias – “espírito” e “síntese” –, estreitamente relacionadas, interdependentes e quase sinonímicas, apontam para uma dinâmica complexa, para um verdadeiro processo existencial. Cada pessoa é, ontologicamente, um ser humano, mas não necessariamente um “si-mesmo”. Cada pessoa é um ser humano particular, com características singulares, mas não necessariamente um indivíduo. Para ser si-mesmo, para ser um indivíduo, é preciso tornar-se.

Kierkegaard apresenta – por meio do pseudônimo Anti-Climacus, como já visto –, sobretudo, a possibilidade de o ser humano existir de modo mais profundo, com sentido da vida bem fundamentado, alicerçado numa relação absoluta com o Absoluto. Anti-Climacus procura despertar a atenção do leitor para o cuidado consigo mesmo enquanto espírito, cuidado para com a própria existência. Esta não seria algo dado a ser meramente usufruído ou sofrido, mas edificado, construído como tarefa diante de Deus e com Deus. Pode-se afirmar que a queda do ser humano no pecado é o desespero; em outros termos, o afastamento de Deus – poder que estabeleceu a síntese – implica necessariamente numa doença do espírito, numa vida desesperada.

Anti-Climacus afirma que o desespero é uma doença, mas não uma doença qualquer. Trata-se de uma doença no espírito. Esta categoria, o “espírito”, é fundamental, pois permite ao autor relacionar o problema do desespero com o “viver diante de Deus”, identificando-o com o pecado. Permite passar do campo da pura antropologia filosófica para o campo da fé, da psicologia para a relação com o Absoluto. E por ser uma doença no espírito é uma doença no si-mesmo. Então o problema de fundo é não se tornar si-mesmo, ou seja, é a morte do si-mesmo. Daí que o desespero seja a “doença para a morte”, a morte para o Eterno. Pois quem não é espírito está impossibilitado de estabelecer relações regadas pelo caráter do eterno e de se relacionar com o divino de modo mais pleno no presente, bem como de viver na eternidade no futuro escatológico (OLIVEIRA, 2011).

Parece haver uma estratégia de Kierkegaard ao usar primeiramente o termo “desespero” em vez de usar logo “pecado”. Este último deveria estar bem desgastado em sua época; provavelmente não causaria o impacto se tratado logo de imediato na obra. Então, Kierkegaard começa sua obra falando de uma doença para a morte, algo que chama atenção por remeter a uma situação de gravidade possível de atingir qualquer pessoa.

## 1.2 A NOÇÃO DE DESESPERO EM KIERKEGAARD: DESEQUILÍBRIO DE UMA SÍNTESE ESPIRITUAL

Deus cria o ser humano como síntese, sendo esta “uma relação que se relaciona consigo mesma”. A relação é uma relação de síntese. Mas o que resulta dessa dinâmica é o espírito, e quanto mais espírito, mais si-mesmo. Logo após afirmar que o si-mesmo é uma relação de relação, Anti-Climacus diz da natureza sintética de

tal relação e apresenta os elementos ou polos que compõem essa síntese: finitude e infinitude, temporal e eterno, liberdade (mais precisamente: possibilidade) e necessidade. A síntese, entretanto, é apenas um elemento do si-mesmo. A síntese é “uma relação entre dois”, sendo que o si-mesmo não é tal relação, mas um terceiro positivo, isto é, “a relação se relacionando consigo mesma”.

Se o ser humano é uma síntese, é uma relação entre dois (polos). Assim, uma pessoa não é só finitude, temporalidade e necessidade, nem somente seus opostos, mas a relação entre esses polos. Estes se expressão existencialmente sob as determinações de corpo e alma. A síntese é a relação entre corpo e alma e cada uma destas determinações se relacionando com a relação entre ambas. O si-mesmo, porém, é síntese se relacionando consigo mesma, gerando a determinação do espírito. A síntese é dada por Deus em potência. Cabe a cada ser humano particular efetivar essa síntese, efetivar-se como espírito, tornando-se um si-mesmo (ROSS, 2019).

Em outras palavras, o desespero – algo muito comum no mundo – é o afastamento de Deus, por isso o pecado. Daí, conclui-se que, para Kierkegaard/ Anti-Climacus, “desespero” tem significado específico, técnico. Ainda que ele faça uso do desespero como antropologicamente mais amplo que pecado (ao menos quanto ao sentido cultural) no âmbito de sua estratégia para envolver o leitor na trama de sua obra (OLIVEIRA, 2011).

## **2 DESESPERO COMO DESEQUILÍBRIO ANTROPOLÓGICO ENTRE FINITUDE E INFINITUDE**

Para Kierkegaard, é apenas na consciência de sua responsabilidade pelo desespero que o indivíduo pode compreender sua reponsabilidade por tornar-se si mesmo. Enquanto desequilíbrio da síntese, o desespero, então, seria uma aferrar-se à finitude, em detrimento da infinitude, ou, inversamente, um aferrar-se à infinitude em detrimento da finitude. Sendo que o ser humano é entendido aqui como constituído por esses dois polos, o desespero seria uma negação de parte daquilo que nos constitui e, no limite, uma negação de nós mesmos.

### **2.1 O DESESPERO DA FINITUDE**

A partir do que foi exposto, pode-se compreender que uma vida completamente adaptada à finitude e à temporalidade, a vida de um tipo de pessoa que se encaixaria no perfil de um bom funcionário, bom pai, boa mãe, pessoa competente e, eventualmente, até com sucesso e fama, pode ser, toda ela, desespero, à medida que se aferraria à finitude em detrimento da infinitude.

Nesse contexto podemos lembrar com muito proveito, por exemplo, de **A Morte de Ivan Ilitch**, de Tolstói. O protagonista vive de acordo com o que “as melhores pessoas da sociedade” esperariam dele, homem tranquilo e bem ajustado a toda finitude. Entretanto, uma doença inesperada e a possibilidade da morte fazem emergir o desespero. Poder-se-ia pensar que a proximidade com a morte o tornou desesperado. Entretanto, parece mais consistente a leitura de que a proximidade da morte faz emergir um desespero que estava o tempo todo latente e que vem à tona diante do limite. O que faz Ivan Ilitch gritar por três dias antes de morrer não é tanto a morte que se aproxima, mas, mais propriamente, o exame que faz da vida que levou. É a vida que levou o que parece qualificar a morte como terrível e insuportável. E a profundidade de Tolstói – e que é especialmente importante para nosso contexto – é que essa vida que apavora Ivan Ilitch, essa vida que faz emergir o desespero, não é uma vida daquilo que se poderia chamar de imoralidades e indecências. Ivan Ilitch é um homem bem-sucedido e tem uma vida regrada, exatamente de acordo com aquilo que a sociedade esperaria dele. Ou seja, o desespero pode estar presente onde menos se esperaria (ROSS, 2019).

## 2.2 O DESESPERO DA INFINITUDE

Nenhuma forma de desespero pode ser definida diretamente (ou seja, não-dialeticamente), mas somente ao refletir sobre o seu contrário. Sendo assim, por outro lado, pode-se compreender que uma vida completamente voltada para a infinitude também é problemática, uma vez que quando que desconsidera a finitude da vida passa a se viver uma imaginação fora da realidade.

Portanto cada existência humana que supostamente se tornou ou apenas quer ser infinita, sim, a cada instante no qual uma existência humana se tornou ou apenas quer ser infinita, é desespero. Pois o *si-mesmo* é a síntese onde o finito é o que limita, o infinito é o que expande. O desespero da infinitude é, portanto, o fantástico, o ilimitado; pois apenas quando o *si-mesmo* está com saúde e livre do desespero, quando, justamente por ter

desesperado, fundamenta-se de modo transparente em Deus (KIERKEGAARD, 2016, p. 26).

Nesse sentido, uma pessoa que pretenda viver completamente para a infinitude está desesperada pois desconsidera a finitude que também é própria da sua existência. Vive-se uma vida na imaginação. A imaginação é a possibilidade de toda e qualquer reflexão; e a intensidade deste *medium* é a possibilidade de intensidade do *si-mesmo*. Em geral o fantástico é aquilo que empurra uma pessoa para o infinito, de modo que apenas a leva para longe de si mesma, e, com isso, a impede de retornar a si mesma. Quando o sentimento se torna fantástico desta maneira, então o *si-mesmo* apenas se volatiliza mais e mais e se torna finalmente uma espécie de sensibilidade abstrata que de modo inumano não pertence a ninguém.

### 2.3 A HUMANIDADE DESESPERADA NA PANDEMIA (FINITUDE/INFINITUDE)

No dia 11 de março do ano de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a população mundial estava vivendo em um contexto de pandemia, causada pela Covid-19. Antes mesmo de ser declarada como pandemia o vírus da Covid-19 já causava um significativo impacto na população, pela infecção de pessoas que levava a agravamentos do estado de saúde dos indivíduos levando vários desses a morte. Levar em consideração a vivência da humanidade no meio de uma Pandemia expõe o desespero que se manifesta frente a possibilidade de morte.

A morte não é a causa do desespero, mas é o fator que o faz ser manifestado de maneira mais explícita, e em um tempo pandêmico em que o termo morte é utilizado com muita frequência, pode-se pensar equivocadamente que ela é a principal causa do desespero humano. O alto número de óbitos que podem ser constatados por causa de uma doença misteriosa e fatal, colocam diante do homem uma situação problemática que pode expor o seu desespero, seja ele, o de carecer de finitude ou o de carecer de infinitude. Lê-se que:

O *si-mesmo* é a síntese consciente de infinitude e finitude que se relaciona consigo mesma, cuja tarefa é tornar-se si mesma, o que só se pode realizar na relação com Deus. Mas tornar-se si mesmo é tornar-se concreto. Mas tornar-se concreto não é nem se tornar finito nem se tornar infinito, pois, afinal, o que deve tornar-se concreto é uma síntese (KIERKEGAARD, 2016, p. 25, grifo do autor).

O pensador dinamarquês apresenta o *si-mesmo* mediante a síntese consciente dos polos de finitude e infinitude, síntese que se relaciona consigo mesma. Grande parte da humanidade, senão ela toda, carece de um dos polos, tal falta já se faz presente no homem muito antes da morte se fazer presente diante dele de maneira mais vulgar, ou seja, pela ocasião de uma pandemia. Por isso, quando o desespero rompe as barreiras da intimidade, daquilo que só a pessoa sentia ou sabia, passando a ser um desespero explícito, acaba-se por se mostrar uma situação que não é um caso individual ou raro, mas sim que é comum e recorrente, sobretudo diante da incerteza da vida terrena.

A humanidade estar desesperada em um contexto pandêmico revela muito o apego a uma das polaridades, seja a de finitude ou de infinitude, não havendo uma síntese nessa relação, mas o apego a só um dos polos, isso demonstra que não importa o quão bem uma pessoa se mostre exteriormente para os outros, pois ela pode estar desesperada e pode acabar por intensificar ainda mais o seu desespero.

Desta forma, pode-se dar seguimento a este trabalho apresentando o que o pensador dinamarquês apresenta como a solução para a saída do desespero, o que o ser humano deve fazer para que a doença que leva para a morte não permaneça a atormentá-lo durante a vida terrena.

### **3 A SAÍDA PARA O DESESPERO: A FÉ**

O desespero intensificado é pecado, como relatado em *A doença para morte* (2016) no início da segunda parte do livro, “Pecado é: *diante de Deus, ou com a noção de Deus, em desespero não querer ser si mesmo ou em desespero querer ser si mesmo*. Deste modo pecado é a fraqueza intensificada ou o desafio intensificado: pecado é a intensificação do desespero.” (KIERKEGAARD, 2016, p. 72, grifo do autor). Assim, é necessário a busca para a saída de tal mau, que é o desespero, ou seja, a cura para essa doença que o filósofo apresentará, que é a **Fé**.

#### **3.1 O CONCEITO KIERKEGAARDIANO DE FÉ COMO OPOSTO DIALÉTICO DO DESESPERO**

A compreensão do conceito de fé em Kierkegaard é a de tê-la como o a cura para o pecado, para o desespero que se intensificou. É o quando o *si-mesmo*,

enquanto síntese, relacionando-se consigo mesmo, busca restabelecer a sua relação com Deus, após desesperadamente querer ser ou não querer ser *si-mesmo*, encontrando-se em um estado de haver desespero (KIERKEGAARD, 2016). O conceito de fé pode ser compreendido como um duplo movimento, o de resignação e o de retomada, o de renunciar o temporal por causa do eterno e o de retornar ao temporal livre do desespero. Lê-se que:

O restabelecimento da síntese é algo possível. O processo é o mesmo de tornar-se si-mesmo ou tornar-se cristão. A base desse processo é a operação existencial de uma inversão de postura: passar do desespero à fé. Entretanto, fé é mais que crença para Kierkegaard. Trata-se de um duplo movimento que implica, ao mesmo tempo, ser capaz de abrir mão do temporal para ganhar o eterno e retornar do eterno ao temporal, sempre que haja total libertação da tensão e da angústia. (OLIVEIRA, 2011, p. 48).

O duplo movimento da fé torna possível o processo de tornar-se *si-mesmo* de poder haver o restabelecimento da síntese, do voltar a se fundamentar na relação com Deus. Por isso, esse conceito se apresenta como um oposto dialético ao desespero, já que esse último ao intensificar-se abala as relações do *si-mesmo* e segue o caminho oposto ao da Fé que busca reconduzir o homem as boas relações, por um caminho de superação do pecado.

Portanto, a saída para o desespero é a fé, em seu duplo movimento, e somente por ela é possível que um indivíduo desesperado seja curado dessa enfermidade espiritual que o leva para morte. Sabendo que a fé é a cura para o estar desesperado, pode-se agora refletir sobre como ela se apresenta, em um tempo pandêmico, como saída do desespero.

### 3.2 A FÉ COMO SAÍDA DO DESESPERO NA PANDEMIA

A pandemia e as suas consequências dentro da sociedade e da vida individual de cada ser humano não são os causadores do desespero, mas apenas os fatores contribuintes para que o desespero se manifeste mais explicitamente, como já foi explicado nesse trabalho. Uma das principais consequências de uma pandemia que contribui muito para que o desespero se manifeste é a morte, que em um período pandêmico se apresenta frequentemente aos indivíduos pelo número de pessoas que diariamente perdem a vida por causa de uma doença desconhecida e misteriosa.

Como já apresentado, o desespero intensificado é pecado, segundo Kierkegaard, e a cura para isso é a fé, que é saída do desespero para qualquer contexto em que a humanidade se encontre, inclusive o da pandemia. Aquele que entra em desespero, seja por carecer de finitude ou de infinitude, deve lidar com o desespero como um obstáculo que deve ser superado, mas não para que ele volte a ser como antes da manifestação do desespero, e sim para que ele volte a ser *si-mesmo* depois de tal acontecimento. Ross (2019) diz:

Esta relação do si-mesmo no âmbito da fé, que aqui é colocada de modo algo abstrato, fora trabalhada de modo mais concreto por Kierkegaard seis anos antes da publicação de *A Doença para a Morte*, em *Temor e Tremor*, e ilumina muito esta ideia, que aqui é central, de que a fé articula finitude e infinitude e, portanto, reestrutura o si-mesmo. (ROSS, 2019, p. 19, grifo do autor).

O voltar a ser *si-mesmo* durante a pandemia é saber superar o desespero que se manifesta nesse tempo, é pelo caminho da fé que é assumido o duplo movimento que concilia finitude e infinitude, por uma síntese bem-feita, na vida humana e que levará o homem a se restabelecer em Deus. O tempo pandêmico não deve ser visto apenas como um período em que o desespero se manifeste na vida de várias pessoas, mas como um tempo de possibilidade para se reestruturar como *si-mesmo*, assumindo a fé para a superação do desespero.

Assim, a saída do desespero na pandemia se apresenta em primeiro momento como a renúncia do temporal e do finito por causa do eterno e do infinito, para depois se retornar ao temporal novamente livre do desespero, sem que as consequências de uma pandemia afetem o homem que assumiu a fé. Kierkegaard (2016, p. 25) expõe: “Por conseguinte, o desenvolvimento deve consistir em infinitamente afastar-se de si mesmo na infinitização do *si-mesmo* e infinitamente retornar a si mesmo na finitização.”, desta forma, o homem não mais se encontra em desespero, pois ele encontrou a saída de tal situação, saída que o faz voltar a se relacionar com Deus.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ser humano enquanto uma relação de finitude e infinitude corre o risco de não estabelecer uma boa relação entre esses dois polos, querendo relacionar-se apenas com um deles e acabar por não estabelecer uma boa síntese entre os dois. O não estabelecimento de uma boa relação entre os polos não deixa com que o homem

se reestruture como *si-mesmo*, pois, ele se encontrará em desespero, que é a doença mortal para o seu espírito.

O desespero não é algo raro, mas algo bem mais comum do que se possa imaginar, segundo o pensador dinamarquês, pois, o fato de o desespero não se manifestar explicitamente na vida dos seres humanos não quer dizer que ele não esteja presente. O tempo de pandemia é um exemplo em que o desespero vem a se manifestar mais explicitamente, por causa das consequências que tal tempo coloca diante do homem, inclusive o da morte que se apresenta frequentemente nesse tempo, mas não no sentido de que a morte seja a causadora do desespero e sim uma forma de torná-lo mais vulgar, por causa das más relações que já existiam no ser humano.

A saída do desespero é a fé em qualquer tempo que o ser humano se encontre, por meio de um duplo movimento, que exige do homem o renunciar ao temporal por causa do eterno e depois retornar ao temporal, onde não se encontrará mais em desespero. A relação da finitude e infinitude estará bem relacionada, o que resultará uma boa síntese. O homem reestruturará o seu *si-mesmo*, ou seja, uma relação relacionando-se consigo mesmo e voltará a se relacionar com o seu fundamento que é Deus.

## REFERÊNCIAS

KIERKEGAARD, S. A. **A doença para a morte**: uma exposição psicológico-cristã para edificação e despertar. Tradução de Jonas Roos [no prelo], 2016.

\_\_\_\_\_, S. A. Tradução de HONG, Howard V.; HONG, Edna H. **The Sickness unto Death**, Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1980. KW vol. 19.

OLIVEIRA, Rômulo Gomes de. A condição humana: da doença à cura. **Revista Filosofia Capital**-ISSN 1982-6613, v. 6, n. 3, p. 40-50, 2011.

ROSS, Jonas. Finitude, infinitude e sentido: um estudo sobre o conceito de religião a partir de Kierkegaard. **Revista Brasileira de Filosofia da Religião** -ISSN 2358-8284, v.6, n.1, p. 10-29, 2019.